

Henrique M. de Sant'Anna



A P A I X Ã O D A G U E R R A

Estado da Arte



Obra protegida por direitos de autor

Henrique de Sant'Anna

Alexandre Magno
A paixão da guerra

Estado da Arte

Obra protegida por direitos de autor

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensauc@ci.uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

EXECUÇÃO GRÁFICA

Sereer, soluções editoriais

ISBN

978-989-26-0077-2

DEPÓSITO LEGAL

.....

© FEVEREIRO 2011, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Obra protegida por direitos de autor

Para as mulheres da minha vida,
Hilda e Carolina

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	7
I. O EXÉRCITO DE ALEXANDRE MAGNO	11
1. As fontes para o estudo da vida de Alexandre.....	11
2. Hipóteses para a reforma do exército macedónico	14
3. A infantaria macedónica.....	18
4. A “Cavalaria dos Companheiros”.....	30
5. A poliorcética e o cerco de Tiro.....	36
II. A MÁQUINA DE GUERRA MACEDÓNICA COLOCADA À PROVA	39
1. A Conquista do Império Persa	39
2. A Conquista do Oriente distante.....	67
III. O ALEXANDRE DOS ANTIGOS: BREVE SELECÇÃO DE FONTES	83
1. As origens da guerra de Alexandre contra os Persas: início, causa e pretexto em Políbio	83
2. O exército de Alexandre em números	85
3. “Dirija-se a mim como senhor da Ásia e não me trate como se fôssemos iguais”: a carta de Alexandre a Dario após a batalha de Isso (333 a.C.).....	86

4. A fundação de Alexandria (332/1 a.C.).....	88
5. O oráculo de Amon (332/1 a.C.)	89
6. A destruição de Persépolis (330 a.C.)	91
CONCLUSÃO.....	95
ANEXOS	97
I. Tábua Cronológica	99
II. Rota da expedição de Alexandre.....	101
BIBLIOGRAFIA SUGERIDA.....	103

PREFÁCIO

Alexandre Magno tem despertado o interesse dos historiadores desde a Antiguidade, tanto pela dimensão da sua conquista quanto pelo que ela significou na construção da história europeia. Do mesmo modo, num tempo de progressiva aceitação das alteridades, o mundo helenístico, o qual se formou com a fragmentação do império macedónico em 323 a.C., tem servido de campo de investigação empírica exemplar para a comparação do mundo antigo com as realidades contemporâneas, de modo a oferecer uma orientação da vida prática pautada na narração profissional do passado. O presente livro tem o propósito de servir como síntese histórica actual, amplamente baseada nas fontes primárias, e destinada ao público de interesse geral, actuando como primeira leitura sobre o tema. O autor desta breve introdução espera que o leitor possa estabelecer

um posicionamento crítico frente às diversas interpretações da vida militar de Alexandre, assim como tomar conhecimento de questões específicas sobre a “máquina de guerra” que tornou viável a expedição do *hegemon* dos gregos.

A. Toynbee, no seu ensaio *If Alexander the Great had Lived on*, concluiu que o mundo seria provavelmente mais helenizado e pacífico se Alexandre tivesse sobrevivido à doença que causou a sua morte na Babilónia e falecido somente em 287 a.C., após ter consolidado o seu império.

A observação de Toynbee, por exemplo, ainda que frequentemente negligenciada pela historiografia, imprime uma percepção otimista comum entre historiadores do séc. XX, contrastando com a realidade de quase toda a vida militar de Alexandre, que se inicia no mundo grego com a contenção violenta da revolta dos tribalos e o saque de Tebas, episódio que teve como desdobramento a humilhação de seus orgulhosos habitantes (cerca de 8.000 deles vendidos como escravos). No oriente, a despeito das realizações políticas e culturais do rei, tal como a fundação das diversas Alexandrias (sendo a do Egipto a mais famosa delas), as conquistas alexandrinas foram sempre

tencentente a Clito, somando quatro esquadrões sob seu comando e outros quatro sob o de Hefesto.

O termo parece ter sido empregado apenas a partir de 326 a.C., no Indo, quando novos contingentes – orientais – passaram a compor o exército de Alexandre. As menções anteriores de Arriano às *ipparchias* seriam, então, confusões e anacronismos de seu próprio tempo. Há, no entanto, que prestar atenção à coincidência de dois fatores, os quais permitem uma compreensão modificada das *ipparchias*: a desconfiança de Alexandre com relação aos seus principais oficiais e a divisão da “Cavalaria dos Companheiros” nas novas unidades, o que teria amenizado a possibilidade de motins (já que estavam divididos e com poderes reduzidos), concedendo-lhes, em contrapartida, um título de bastante prestígio, antes pertencente apenas a um ou dois oficiais. Se esta observação estiver correta, o surgimento das *ipparchias* foi possivelmente anterior a 326 a.C. e a inserção de orientais na “Cavalaria dos Companheiros” um fator independente para a organização das novas unidades.

Por último, cabe indagar sobre a relevância desta preocupação com o crescimento do contingente dos Companheiros (de um esquadrão para oito ao cruzar o Helesponto, em número de 2.000 em Gaugamela e divididos em *ipparchias* quando da campanha na Índia). O que exatamente pode significar esta ampliação e quais os seus desdobramentos no mundo helenístico?

A resposta reside na transformação das funções da cavalaria em campo de batalha, isto é, a partir de Alexandre, o Grande, (e de seu exército reformado) as tropas montadas passaram, definitivamente, a desferir o ataque principal, legando aos falangistas o papel de força de apoio, necessária mas sem caráter decisivo ou por princípio ofensivo. Tal característica da cavalaria macedónica pode ser observada, por exemplo, na batalha de Gaugamela, quando o número dos Companheiros foi elevado ao máximo e a tática, remodelada a partir da tradição grega, ilustra a relevância da decisão pelas manobras das tropas montadas.

A modificação da sua função tática veio acompanhada de duas grandes inovações. A primeira delas é a “formação em seta”, que facilitava o

rompimento da formação inimiga pela ampliação da carga desferida, se comparada àquela executada pela “formação em quadrado”. Basicamente, ao manter os seus olhos fixos no seu líder, posicionado à frente da formação, cavaleiros organizados em seta eram capazes de romper com uma formação defensiva, desferindo, assim, o golpe principal.

A segunda delas diz respeito à exploração dos espaços entre os batalhões de falangistas. Apresentar ao inimigo um bloco coeso com diversas pontas de lança e manter esta formação sem espaços entre os batalhões eram coisas completamente distintas. A partir do momento em que a cavalaria passou a desferir o golpe principal, a questão dos espaços tornou-se de máxima importância, como pode ser visto em Gaugamela e, no período helenístico, em Paraitacene (Eumenes *versus* Antígono). Por último, ainda que não seja cotada como uma inovação das táticas de cavalaria, o envolvimento pelo uso de tropas montadas tornou-se prática comum entre os macedônios. Numa batalha em que ambos os comandantes tivessem disposto a cavalaria nas alas, a vitória dependeria abertamente da capacidade do exército em manter

os seus flancos protegidos do envolvimento inimigo. Ainda que esta fosse uma prática comum entre os persas, foi com os macedónios que tivemos a combinação do ataque montado com o avanço da falange, frontalmente impenetrável, exceto pelos espaços abertos durante o seu avanço ou ataque.

5. A poliorcética e o cerco de Tiro

Nenhum caso na expedição de Alexandre foi tão emblemático para os usos das máquinas de cerco (e de defesa de uma cidade) quanto a tomada de Tiro, em 332 a.C. De fato, a cidade parecia inexpugnável: construída numa ilha próxima à costa, com torres de defesa que chegavam aos 46 metros de altura, Tiro contava ainda com uma imensa armada, disposta a encerrar qualquer tentativa de aproximação das muralhas da cidade. Além disso, no caso de o inimigo se tentar aproximar por meio de uma ponte elevada, o que tornaria possível a travessia por terra, os habitantes contavam com navios incendiários, excelentes na destruição de torres ou de possíveis pontes em construção, sem

mencionar o aglomerado de pedras colocadas à beira da muralha, o que dificultava bastante a escalada por parte do inimigo.

Alexandre teve que lidar com todos esses mecanismos de defesa e, a julgar pelo resultado do cerco, certamente não o fez sem máquinas capazes de destruir uma defesa tão forte. Decidido pelo cerco de Tiro, Alexandre iniciou o recrutamento de engenheiros para a construção de novas máquinas, nomeadamente torres, aríetes e catapultas (de torção). Com tais máquinas, no comando da ala fenícia, Alexandre ofereceu combate aos habitantes de Tiro, que decidiram apostar na força defensiva da sua cidade. O ataque teve início com uma parte das máquinas posicionadas na ponte e a outra parte em embarcações voltadas para as muralhas. As torres de defesa barraram o avanço das embarcações, mas não por muito tempo. Após conseguir uma brecha na muralha, os soldados de Alexandre puderam adentrar e finalizar o embate.

O cerco de Tiro representou também o ponto central na questão logística da expedição de Alexandre. A exposição do discurso de Alexandre às tropas momentos antes do início do cerco, da

forma como apresentado por Arriano, permite-nos ter uma ideia bastante clara do que a tomada de Tiro efetivamente significou em termos logísticos:

Amigos e aliados, eu entendo que uma expedição ao Egito não nos será segura enquanto os persas mantiverem a soberania dos mares, da mesma forma que não nos é seguro [...] deixar em nossa retaguarda a cidade de Tiro, cuja lealdade é duvidosa, bem como deixar o Egito e a ilha de Cipro sob o domínio persa. [...] Mas se Tiro for capturada, toda a Fenícia cairá sob nosso domínio, e a frota dos fenícios, a mais numerosa e poderosa da armada persa, provavelmente estará do nosso lado. Após subjugar o Egito [...], nós seremos capazes de encaminhar uma expedição a Babilônia em segurança.

II. A MÁQUINA DE GUERRA MACEDÓNICA COLOCADA À PROVA

1. A Conquista do Império Persa

Alexandre nasceu em 356 a.C., tendo assumido o trono com apenas vinte anos, após a morte prematura e polêmica de seu pai. Aos treze anos tornou-se pupilo de Aristóteles, cujas lições de moderação certamente opuseram em diversas ocasiões da vida de Alexandre o comportamento adotado pelo rei. Há quem diga que tal postura excessiva era a evidência psicológica da sua mãe, Olímpia, responsável pela construção de parte da personalidade do promissor monarca. Com comportamentos tão descontrolados, por um lado, como veremos ao longo desta síntese, mas especialmente na seleção de fontes apresentadas na terceira parte, Alexandre mirava com grande

ANEXOS

I. Tábua Cronológica

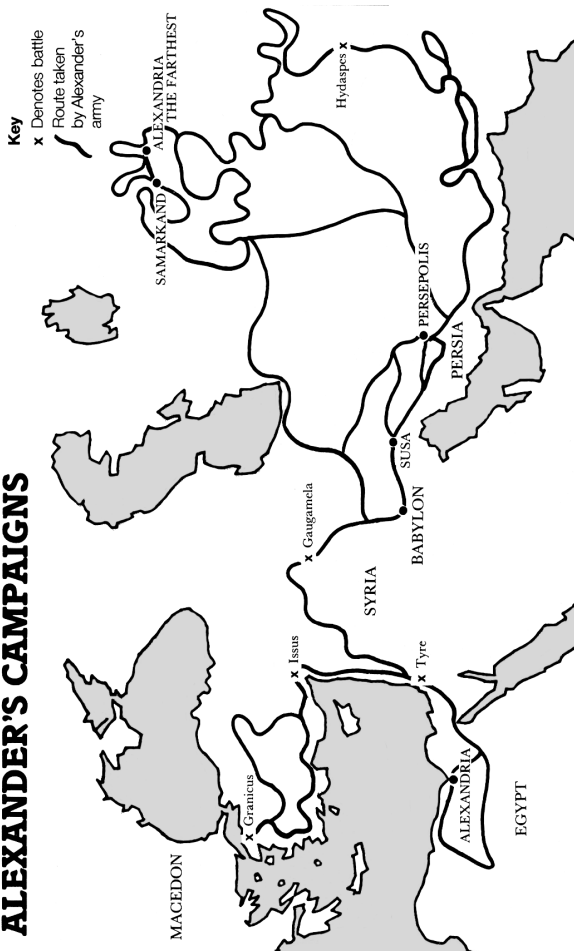
- 356 Nascimento de Alexandre
- 336 Morte de Filipe II; Ascensão de Alexandre
- 335 Campanhas na Trácia e na Ilíria; revolta e destruição de Tebas
- 334 Batalha de Granico; conquista da Ásia Menor
- 333 Batalha de Isso
- 332 Cerco de Tiro; conquista da Síria; submissão do Egito
- 331 Fundação de Alexandria, Egito; visita ao oráculo de Amon; Batalha de Gaugamela
- 330 Destruição de Persépolis; Alexandre chega a Ecbatana (capital da Média); execução de Filotas, filho de Parménio
- 329 Alexandre chega a Bactria
- 328 Conquista da Bactria e Sogdiana; morte de Clito; conspiração dos Pajens e execução de Calístenes
- 327 Invasão da Índia via Afeganistão
- 326 Batalha do Hidaspes
- 325 Alexandre atravessa o deserto gedrosiano; Nearco retorna do Golfo Pérsico

324 Alexandre chega a Susa

323 Morte de Alexandre na Babilónia (10 de Junho); o exército elege Filipe Arridaeus (meio-irmão de Alexandre Magno, mas sem condições mentais para o exercício do cargo) e Alexandre IV (ainda por nascer) como reis da Macedónia; Perdicas se torna regente e comandante na Ásia e Antípatro se torna comandante na Macedónia e Grécia; Diversos veteranos são feitos sátrapas: Lisímaco na Trácia, Antígono na Frígia, Ptolomeu no Egipto e Eumenes de Cardia na Capadócia (ainda por ser conquistada); Guerra Lamiana (revolta dos gregos contra Antípatro); Demóstenes retorna para Atenas; Antípatro cercado em Lamia

II. Rota da Expedição de Alexandre

ALEXANDER'S CAMPAIGNS



As campanhas de Alexandre Magno. *In*: Hackett, John (org.).
Warfare in the Ancient World. London, 1989, p. 109

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

- Austin, Michel. *The Hellenistic World from Alexander to the Roman Conquest*. Cambridge, 1981.
- Engels, Donald. *Alexander the Great and the Logistics of the Macedonian Army*. Berkeley and Los Angeles, 1978.
- Ferrill, Arther. *The Origins of War. From the Stone Age to Alexander the Great*. London, 1985.
- Grainger, John D. *Alexander the Great failure: the collapse of the Macedonian Empire*. London; New York: Hambledon Continuum, 2007.
- Green, Peter. *Alexander of Macedon, 356-323 B.C.* Berkeley, 1991.
- Hackett, John (org.). *Warfare in the Ancient World*. London, 1989.
- Hammond, N. G. L. and Griffith, G.T. *A History of Macedonia*, volume 2. Oxford, 1979.
- Tarn, W. W. *Alexander the Great*. Cambridge, 1948.